



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Baldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Patra; Gerásio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thoma; Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Foyer dos artistas da Comedia Franceza*, por Armando Durantin;—*Mendes Leal* (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A Bastilha Portuguesa*, por Alberto Tel'es;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*; *Expediente*:—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*Duas historias*, por Eugenio de Castro.

GRAVURAS:—*O vice-almirante Rodovalho*;—*Visconde de Monte São*;—*Mendigos chinezes*;—*Coquelim*;—*A cultura dos campos na idade de bronze*.

### CHRONICA

Anda actualmente viajando pelos paizes da Europa a opinião de que Bismarck é tolo. E, se attendermos ao prodigioso desenvolvimento da viação accelerada no presente seculo, é muito de esperar que, dentro em pouco, seja essa a opinião do mundo.

A nós, portuguezes, habituados como estamos a bocejar despreocupadamente sobre assumptos da mais alta importancia, pouco nos interessa a cotação que no mercado possa t'er o encephalo do principe allemão. Povos, porem, existem, na superficie da terra, aos quaes sobremaneira



O VICE-ALMIRANTE RODOVALHO



importa o apuramento da verdade, quanto ao boato corrente de haver, n'aquelle estranho cerebro, menos phosphoro ou mais cerveja do que se imaginou, durante o largo periodo em que as nações civilisadas permaneceram idolatras aos pés do manipanso.

A ferrea chancellaria acha-se portanto em risco de, como diz o outro, dar com os burrinhos na agua. Bismarck, enquanto foi contemplado á face da questão das Carolinas, não se manteve, em rigôr, á vertiginosa altura do seu personagem, não esteve bem no seu papel, não foi Bismarck positivamente. O conflicto ia tornar-se um quasi nada serio, se a vontade inquebrantavel do homem não assumisse o aspecto de uma grande pantomimice.

Agora, eil-o nas visinhanças de Pagny, a correr aventuras de má casta, representado na pessoa de um Gautsch, de um villão, que arma ciladas covardes, em seguimento das quaes um francez cae em poder de autoridades allemães!

E, a proposito de semelhante scena, refere-se Bismarck, em pleno Reichstag, ao acampamento prussiano de Versailles, que, segundo o seu entender, ainda hoje duraria, se, para concluir o tratado de Francfort, fosse preciso assignar a paz eterna com a França! Isto equivale a afirmar que, sem maior reluctancia, accitaria uma guerra de exterminio, ainda que não fosse senão para sustentar a responsabilidade que lhe cabe no occidente pifio da fronteira!

E como elle falla no acampamento de Versailles! Parece mesmo que o vae restabelecer. O Ferrabraz, mais dia menos dia, vae de passeio até Paris, levando como guarda de honra o exercito allemão.

Está idiota.

Cá em casa, felizmente, não ha d'isto. Os nossos governantes poderão ter quantos defeitos a opposição quizer, mas nunca hão-de accusal-os de arremetterem com as nações visinhas por dá cá aquella palha. Nem mesmo por dá cá nenhuma outra coisa.

Somos tão essencialmente taxados para a serenidade, que até o periodo parlamentar que vamos atravessando e que, por tantos motivos, se affigurava tempestuoso, até elle, bom Deus, tem caminhado em socego, prestando á maioria occasião propicia para discursar largamente sobre bois, sobre queijos, sobre manteiga... A minoria, vencida, adormeceu.

Fez como eu fiz, no Gymnasio, sobre uma incomoda cadeira, onde me tinha accommodado na intenção de apreciar umas zarzuelas que andam ahi pelos cartazes, e cujos nomes nunca me atrevo a lêr, porque receio soltar os mesmos disparates que frequentemente admiro na bocca temeraria dos meus compatriotas, que, em geral, fallam a lingua hespanhola sem pronuncia, sem caracter, sem vergonha.

Dormi. E não dormi socegado, porque fui constantemente desperto pelo tacão da platéa, que, de quando em quando, rugia irado contra a companhia, aliás muito soffrivel... em sonhos.

Uma das actrizes — ouvi dizer que era a melhor — é realmente uma peste. Canta, em verdade, peor que as nossas creadas de servir, mas possui, coitadinha, uma garganta modesta, profundamente incapaz de se tornar desagradavel a quem tiver a prudencia e o bom gosto de adormecer logo ao começo do espectáculo. Tanto mais, que isto é facilimo.

De resto, ninguem tem obrigação d'ir para o Gymnasio patear a zarzuela. Ainda ha pouco ahi esteve o Coquelín, que era mil vezes mais caro, e que entretanto ficou muito bem visto, apesar d'aquelles, e não foram poucos, que lhe discutiram arrojadamente o desempenho de alguns papeis, applaudindo-o comtudo nos monologos, em que o celebre actor francez tem uma dicção

especial, privilegiada, a ponto de tornar engraçadissimas, semsaborias de primeira ordem.

Foi-se, mas volta. Vem dar ainda quatro recitas, em que será vertiginosamente victoriado por muita gente boa que não hade entender-lhe uma palavra, e que mais de uma vez terá torcido o nariz, na apreciação de actores portuguezes, alguns dos quaes, incntestavelmente, representam bem.

Deixemos isso, agora, e, visto que é forçoso registrar estes acontecimentos, mais ou menos sympathicos, pelos quaes a semana se poz em evidencia, digamos, ou, por outra, repitamos alguma cousa do que se tem dito sobre a desnaturada mãe que brutalmente e desastradamente quiz descartar-se de uma creança que a incomodava, confiando-a á piedade do Tejo, que ella suppunha menos contingente, menos indiscreta, do que afinal lhe sahio.

Por convenção jornalística, por não ser licito abusar de nomes feios, chamou-se mãe áquelle ente bestial. De mais, o crime d'essa mulher não l'gra encher-nos d'espanto, porque tambem Constança das Dores procedeu de uma maneira analoga e esteve a ponto, comtudo, de ser poetisada, de parceria com o soldado da guarda, que, então, figurou de pae da creança.

Constança das Dores era um bonito nome para o papel de martyr. Anna da Conceição, como se diz chamar a heroína do dia, tambem exhala um perfume, que mal se casa com as emanções sulphydricas do Aterro, onde ella se propunha levar a cabo o seu romance d'amor. O heroe, d'esta vez, é moço de padeiro, o que, evidentemente, não prejudica em nada a poesia do caso.

As duas creaturas amaram-se, e resultou d'ahi uma terceira creatura, que não veio muitissimo a proposito. Foi dada á luz ás escuras, na estação de Pombal, e, se não tem vagido intempestivamente, ahi teria ficado esmagada, talvez, pelo comboio que ia partir, arrastando, commodamente reclinada n'um wagon, a desgraçada amante do moço de padeiro, a mãe. A mulher foi presa immediatamente, e não se sabe porque bullas, foi posta, logo depois, em liberdade.

Veiu então para Lisboa, onde, tanto se preocupava pelo futuro da creança, que concluiu por lançal-a resolutamente ao rio. O pequeno, porém, habituado que estava a estas coisas, não se magou por isso. Vagiu.

Está salvo. Comprometteu com isso a mãe, que d'esta vez vae ver-se embaraçada.

A indignação popular manifestou-se já contra ella. O povo agglomerou-se na passagem de Anna da Conceição, á sahida da Bôa-Hora, e, como dizem os papeis, queria fazer justiça por suas mãos.

Queria uma tollice, é claró. Dá-se este facto com todos os criminosos, e nunca infelizmente se apura quem, d'entre a multidão, tenha o direito de arrojar a primeira pedra.

J. LIMA.

---

## FOYER DOS ARTISTAS DA COMEDIA FRANCEZA

---

Tinha dezeseis annos, quando uma noite entrei, pela primeira vez, nos bastidores da Comédie Française e no foyer dos artistas; estavam em 1834; o societario, que me introduzira, era o meu velho e illustre amigo Geoffroy.

No espaço que medeou entre 1838 a 1870, raras vezes falte



a ir todas as noites, e, não raro, também de dia, cavaquear algumas horas ao *foyer* da rua Richelieu. Ante os meus olhos, deslumbrados, vi passar, como em uma visão, os maiores actores da nossa epocha, a velhice de mademoiselle Mars e a apothese da joven Rachel, desde a sua estreia até á sua morte.

A minha primeira descoberta, annotada na minha carteira, é curiosissima; eil-a:

«No theatro, toda a gente tira o chapéo, até mesmo os sociarios que estão nos bastidores, logo que mademoiselle Mars apparece; Firmin é o unico que conserva o chapéo na cabeça.»

Em 1838, a entrada dos artistas fazia-se por um estreito corredor, que tinha uma saída para a rua Richelieu, e que communicava com o estabelecimento de floricultura de madame Prevot.

Antes de se chegar ao *foyer*, passava-se por interminaveis corredores.

Este *foyer*, sombrio e desataviado, viu desfilar os mais eminentes artistas dramaticos e os mais illustres autores do actual seculo: Victor Hugo, Dumas pai, Scribe, Casimiro Delavigne, Alfredo de Musset, Talma, Monvel, Firmin, Samson, Mars, Aubert, etc., para não fallar senão dos mortos.

Na extremidade d'esse veneravel *foyer*, achava-se, entre as duas janellas, uma *psyché*, em frente da qual Hermione e Phedra, Augusto ou Agamemnon, iam lançar um ultimo olhar sobre as pregas da sua toga ou do seu vestido.

Um dia, o acaso permittiu-me assistir a uma estranha scena, passada em frente d'essa mesma *psyché*.

Foi durante o ensaio de uma peça do antigo repertorio. Rachel, enquanto esperava pela sua scena, dava uma *lição de attitud e gentileza* a uma rapariguinha, discipula do Conservatorio.

—Minha querida, dizia-lhe Rachel, o seu modo de cumprimentar é desastrado; a menina parece entalada no seu espartilho como em um estojo de pau. Não ha nenhuma flexibilidade nos seus movimentos. Repare para mim, eu não uso espartilho, o que permite aos meus gestos toda a liberdade. Veja como se deve fazer um cumprimento.

Rachel inclinava-se defronte do espelho; a *debutante* imitava-a. Então a tragica, exclamava, impaciente:

—Não é assim! Isso são cumprimentos de boneca de engonços. Outra vez.

E eu admirava a graça, a suprema elegancia com que Rachel se curvava; as suas ondulações de gata tinham um encanto que fascinava.

Concluida a lição, Rachel veio direita a mim:

—Sr. Durantin, disse-me ella, creio que o sr. é amigo do sr. Poirson?

—Effectivamente, dei algumas peças para o Gymnasio, e sou afeiçãoado ao seu antigo empregario.

—Muito bem, volven Rachel; vae o sr. prestar-me um serviço; desejo que lhe repita o que passo a referir-lhe. Não quero que o seu amigo me julgue uma rapariga mal creada. Ora eis aqui a absurda aventura que me succedeu, no tempo em que representava no Gymnasio. Recordar-se que Poirson me escripturara para a *Vendéenne* de Souvestre?

—Perfeitamente.

—A peça contava já um certo numero de recitas, quando um dia me appareceu um incommodo, sem nenhuma gravidade, mas desagradabilissimo. Um furunculo, um maldito furunculo, nasceu-me em tão mau sitio, que não permittia que me assentasse sem ter de fazer uma careta.

Não desejando cortar o exito da peça, mandei chamar o medico do theatro; o doutor receitou-me cataplasmas emolientes.

N'essa noite, antes de me vestir para a representação, minha mãe poz-me uma soberba cataplasma de papas de linhaça.

O primeiro acto caminhou optimamente; as lagrimas dos espectadores confundiam-se com os seus applausos. No segundo acto, em uma scena das mais commoventes, eu tinha que cair, e caí effectivamente, prostrada, em cima de uma cadeira. A situação dominava-me por tal maneira, que esqueci o furunculo e a cataplasma. Assentei-me. Em seguida á dramatica phrase do galã, levantei-me, e conforme se combinara nos ensaios, voltei as costas ao publico. Deu-se então um effecto inesperado.

Os espectadores, que havia pouco soluçavam, desataram a rir ás gargalhadas. Convicta de que occorrera algum incidente estranho á representação, continuámos o nosso trabalho no meio de uma hilaridade que augmentava progressivamente.

De subito, voltei as costas ao meu collega. Então, indignada, vio-o rir tanto como a sala.

Suffocado por uma explosão de riso, mal ponde dizer-me:

—Conserve-se de frente para o publico; o seu vestido desbotou! Ai de mim! era verdade!... No acto de assentar-me, a cataplasma materna desenhara no meu vestido branco uma carta geographica. O seu amigo, o sr. Poirson, não me reescripturou; tomou-me de certo por uma rapariga enxovalhada, que faz *pipi* no vestido.

Perdoem-me a expressão, mas reproduzo-a tal qual a ouvi dos labios de Rachel. Desejo conservar a esta historietta todo o sabor da verdade.

Um dia do anno de 1849, durante um ensaio, conversavamos cinco ou seis, com a tragica, que nos mostrava algumas das suas joias.

Vi n'essa occasião, no seu braço, uma pulseira tão singular, que me attraiu a attenção. Rachel tirou a do braço para nol-a deixar examinar. Compunha-se o bracelete de um consideravel numero de aneis, uns muito ricos, outros muito simples; alguns valiam cincoenta centimos, outros representavam um valor correspondente a muitos guineos e muitos rublos.

Não ousou precisar a conta certa dos aneis; saber-se-ha o motivo da minha discrição.

—O bracelete deve pesar extraordinariamente, observei.

—Tanto, acudiu Rachel, que me vejo obrigada a trazer o segundo bracelete na algibeira.

Mostrou-nos esse segundo bracelete, egualmente composto de aneis.

Entretive-me a contar-os. Correspondiam ao dobro dos da primeira pulseira.

A celebre judia fez-nos então notar um anel de oiro, ornado de uma aguia imperial.

Um brinde do principe Luiz Bonaparte, disse-nos Rachel. Quando m'o offereceu, em Londres, por occasião da minha ultima viagem, o principe revelou-me que esse anel era uma lembrança de sua mãe, e que só por minha causa consentiria em separar-se d'elle.

Quinze dias depois d'esta conversação, palestravamos em um dos corredores do theatro com a mais espirituosa das *soubrettes* passadas, presentes e futuras, que acaba va de chegar de Londres.

Um de nós perguntou-lhe se ella vira o principe Luiz Bonaparte.

Respondendo á nossa curiosidade, tirou do dedo um anel de oiro com uma aguia imperial, exactamente igual ao de Rachel, e accrescentou:

—O principe offereceu-me este anel, confiando-me que era uma lembrança de sua mãe, e que só por minha causa consentira em separar-se d'elle.

Eucarámo-nos sorrindo.

Era provavel que o principe tivesse um fornecedor especial, para lhe fabricar centos de aneis de sua mãe, indispensaveis a certas e determinadas entrevistas.

Voltando aos braceletes de Rachel.

A grande tragica conquistára esses aneis pelo mesmo systema da amante do Genio, nas *Mil e uma noites*.

Para melhor intelligencia d'esta pequena historia, eis o conto das *Mil e uma noites*.

«O sultão Shabriar e o sultão Schahzenan, tendo sido atraídos por suas mulheres, resolveram viajar para se distrairem. Um dia, em que se achavam perto do mar, viram uma grande columna preta, que era nem mais nem menos do que um genio; esse monstro trazia um cofre de vidro, dentro do qual tirou uma dama formosissima. O genio deitou-se em seguida ao lado da bella, e adormeceu. A dama, erguendo os olhos, avistou os dois principes, escondidos no alto de uma arvore, para onde tinham trepado, com medo do genio. A formosa chamou-os por signaes. Em seguida, pediu a cada um d'elles o anel que tinham no dedo. Logo que os obteve, tirou do cofre de vidro um estojo, que continha uma enfiada de aneis, de todos os feitios e tamanhos.

«São, explicou ella, os aneis de todos os homens, a quem liberalizei os meus favores. Noventa e oito aneis. Peço-lhes os seus, afim de completar a conta dos cem.»

Passemos adiante, sem insistir.

Rachel possuia joias de subido valor. Nas suas crises de generosidade, distribuia-as, por vezes, pelas suas amigas; no dia immediato, porém, quasi sempre se arrependia; deligenciaava então readquiril-as. Para o conseguir, empregava uma diplomacia perfeitamente oriental.

Algumas, caiam no laço, e restituíam a joia, que nunca mais tornavam a ver.

Ainda uma palavra ácerca das joias da grande, como a denominavam na sua familia. A despeito das enormes sommas que Rachel ganhava, succedia-lhe, não raro, achar-se sem dinheiro ante um crédor implacavel. N'esses apertados lances, a judia corria a casa de sua mãe, que lhe emprestava dinheiro, não sem exigir um penhor.

Rachel cedia, entregando algumas joias, que valiam dez vezes mais do que a quantia emprestada.

Além d'isso, a grande assignava uma letra, na qual se obrigava a satisfazer a sua divida em um prazo, fixado de antomão, findo o qual, e no caso do reembolso não ter tido logar, ficaria pertencendo o penhor á mamã Felix. Ora a mamã Felix sabia optimamente que sua filha não tinha ordem nem methodo, que esqueceria a sua divida, o prazo indicado, e com elle o penhor appecido.

Sempre que Rachel se via assim expoliada, dava gritos de pavor.

(Continúa).

ARMANDO DURANTIN.



## MENDES LEAL

## IV

Apesar de ter tido excellentes relações com Mendes Leal, e de lhe ter merecido muita deferencia e muita estima, não o conheci muito intimamente. Entrava eu na litteratura quando elle saia para entrar na politica, entrava eu na politica quando elle saia para entrar na carreira diplomatica.

Frequentes vezes o encontrava, tive com elle largas conversações, mas a intimidade que só resulta da confraternidade do trabalho, essa nunca a tive, nem a podia ter com Mendes Leal.

Algumas coisas direi d'elle, comtudo, como politico e como diplomata.

Mendes Leal fallava muito bem, quer dizer expunha com muita facilidade o que tinha a dizer, argumentava com vigor, e respondia de prompto a quaesquer interrupções. Todos os seus discursos eram admiraveis; ouvidos, não conseguiam produzir impressão. Tinha uma voz fraca, os olhos, extremamente myopes e doentes, abrigavam-se constantemente por traz de uns oculos completamente escuros que lhe matavam o prestigio do olhar, faltavam-lhe por conseguinte todas as qualidades physicas do orador, estas qualidades physicas que são metade da eloquencia. Comtudo era sempre ouvido com attenção e applauso. O seu discurso contra as irmãs de caridade francezas é realmente notavel; mas os espectadores das galerias, lendo-o no *Diario das Camaras*, ficaram surprehendidos. Mal podiam imaginar que fôra isso o que se dissera nas camaras. A voz de Mendes Leal trahia-o completamente.

Como jornalista politico, era primoroso, apesar de não ser propriamente um polemista. O *Jornal do Commercio* teve successivamente dois articulistas, que deram á sua politica um tom eminentemente litterario—Latino Coelho e Mendes Leal. Estas iniciaes L. C. e M. L. firmaram n'aquelle periodico verdadeiras joias, que pena é, que ficassem completamente perdidas n'esse *Pandemonium* de um jornal politico.

Em 1862 entrou Mendes Leal no ministerio, e manifestou desde logo uma prodigiosa actividade.

A sua nomeação fôra acolhida pela opposição com ironia. Subiu ao poder em circumstancias graves. Houvera os tumultos do Natal suscitados pela impressão que no povo produzira a morte de D. Pedro V e de seus irmãos, attribuida a envenenamento. Quatro ministros tinham sido obrigados a fugir por uma escada da secretaria de marinha para o Arsenal. O ministerio, fraquissimo, tivera de se recompor, e com grandes difficuldades.

A crise durára muito tempo, e afinal o marquez de Loulé appareceu com tres ministros novos: Braamcamp, Lobo d'Avila, Mendes Leal.

A solução ao publico, depois de tão largo intervallo, pareceu disparatada. Esperava-se José Estevão, e appareciam uns homens novos, um dos quaes—Mendes Leal—fôra um cabralista decidido. Podemos narrar até agora affoitamente, porque os tres ministros desmentiram os presagios do publico, e desmentiram-n'os completamente, deram ao gabinete vida nova, e robusteceram-n'o quando elle parecia moribundo. Para darmos idéa porém do que se passava, publicaremos uma satyra, que então correu manuscrita, e que pela primeira vez agora se publica. Era de um amigo nosso, que nos perdoa de certo a indiscripção, porque essa parodia de um trecho da poesia de Castilho á morte de D. Pedro V é um documento interessante para a historia politica d'esse tempo. Damos primeiro as estrophes parodiadas:

## SOLATIA VICTIS

Sob um céu festival geme e negreja a terra!  
a dôr que innoita o Paço, a todo o povo aterra;  
pende os braços a industria, estão sem voz as leis:  
chora o bronze do templo; pulula o da batalha;  
é que a vista carnal só vê fria mortalha  
onde brilhava ha pouco a purpura dos reis.

Se ella ousasse do pó subir ao firmamento,  
como ao clarão da fé e á luz do entendimento  
em gala a multidão calcará o lucto aos pés!  
O feretro do heroe não vai de nós banil-o;  
vai lançar-se á corrente indomita de um Nilo  
que do nadante berço extrahirá Moysés.

Cobri-o de festões e benções á porfia!  
junquem flôres e loiro a amargurada ira,  
que desce do aureo throno ao Pantheon real.  
Se o crepe nos ensombra e nos alaga o pranto,  
não é por Elle já, nosso mortal quebranto  
provém d'esta viuvez que obumbra Portugal.

Não se deplôre o justo em paz adormecido!  
A entrada do moimento onde vai ser descido  
rescende a Paraizo, é portico de luz.  
Se alguém diante d'ella ousasse pôr cyprestes

em loiros a tarára o anjo que tão prestes  
fez radioso tropheu de uma espinhosa cruz.

Por vós só que ainda estais com o infortunio em lucta  
continuai o choro e o do que vos enlucta,  
multidões que lhe heis dado o derradeiro adeus.  
Cada um no seu lar sente um vasio horrendo,  
como quando, alta noite, a morte andou correndo  
de poisada em poisada o Egypto á voz de Deus!

Chora o poeta, o sabio, o artifice, o guerreiro,  
o religioso, o enfermo, o pobre; um reino inteiro!  
Cada qual sente murcha uma esperanza em flôr.  
Mas sobretudo chora a escola, o ninho obscuro,  
onde se nutre e empenna a aguia do futuro,  
e que a sente morrer faltando-lhe o calor.

Quem entre tão geral, tão misera orphandade  
se atreve a mendigar, em nome da saudade,  
um frio monumento, um bronze inerte e vão?  
Temem deslumbre um pai? Que pedra iguala a Historia?  
Um colosso caduco é symbolo da gloria?  
Se a Pyramide assombra, os Pharás quem são?

Recúai, refugi, vaidosos monumentos,  
d'ante o serio varão de austeros pensamentos  
em quem o bom Trajano amára um grão rival,  
e que ao publico bem pospondo illusões fatuas,  
faria amoedar o oiro de mil estatuas  
por ser mais uma estrada, abrir mais um canal.

Se é mister um padrão a quem não teme o olvido,  
alçai-lh'o ao menos tal, que em benções envolvido  
lhe attraia lá de cima um paternal sorrir!  
Seja um templo de amor—a Eschola. No recinto  
se entõe e no frontão se doire: A Pedro Quinto  
o povo portuguez c'os olhos no porvir

Segue a parodia, que tem o merecimento de seguir passo a passo o original.

Por entre os lamaças <sup>1</sup> tudo se agita e berra  
Senhor! quem hade ser ministro n'esta terra,  
terra onde ninguem sabe e tudo quer dar leis?  
A maioria geme, a minoria ralha!  
Socegai, socegai que um lobo, <sup>2</sup> em vez da gralha,  
c'o as pennas do pavão <sup>3</sup> enfeitado vereis.

Quando erguemos ha pouco a vista ao firmamento  
vimos na aérea escada, ó sublime portento,  
quatro arlequins de pasta, e agora lá vão tres! <sup>4</sup>  
Porém a demissão não vai de nós banil-os!

O Price <sup>5</sup> alliciador, ai! veio seduzil-os  
e do circo sómente escapou-se o marquez <sup>6</sup>

Cobri-o de cebola e de alhos á porfia!  
Gloria ao nobre marquez que impavido confia  
a pasta da marinha ao grão Men Desleal <sup>7</sup>  
Se choramos agora, é de nos rirmos tanto!  
Todos vamos dizendo em côro a cada canto:  
Passou do drama á farça este a thór theatral!

Não se chore o Loulé em paz adormecido! <sup>8</sup>  
porque no ministerio, onde hoje está mettido.  
Orme-se a bom dormir, sendo a pasta de truz! <sup>9</sup>  
Dizei-o, Avila, vós que a pasta obtivestes,  
e, subindo ao poder, trocastes logo prestes  
a tripeça do lar <sup>10</sup> por estrauha grã-cruz!

Vós que e poder deixais após burlesca lucta,  
continuai o choro e o do que vos enlucta  
ministros que lhe heis dado o derradeiro adeus!  
Quem no dedo chuchou teve um martyrio horrendo  
no dia em que, Loulé andou doido correndo  
de poisada em poisada a procurar sandeus!

Chucha o Alves Martins. <sup>11</sup> chucha certo engenheiro <sup>12</sup>  
chucha o grande orador, <sup>13</sup> chucha todo o sendeiro,  
que se julgava já da patria o salvador;  
mas chucha sobretudo u mratazana escuro,

<sup>1</sup> O inverno de 1861 a 1862 esteve muito chuvoso.

<sup>2</sup> O sr. Lobo de Avila, que substituiu na pasta da fazenda o sr. Antonio José de Avila.

<sup>3</sup> Pavão era a alcunha do duque de Avila.

<sup>4</sup> Antonio José de Avila, Carlos Bento, Moraes de Carvalho.

<sup>5</sup> O Price era o empresario do circo de cavallinhos.

<sup>6</sup> Marquez de Loulé.

<sup>7</sup> Esta modificação fôra feita na «Revolução de Setembro» por Sampaio.

<sup>8</sup> O marquez de Loulé tinha fama de ser muito somnolento.

<sup>9</sup> Passára para o ministerio dos negocios estrangeiros

<sup>10</sup> Dizia-se então que Avila era filho de um sapateiro, o que não seria deshonoroso, mas era completamente falso.

<sup>11</sup> Depois bispo de Viseu.

<sup>12</sup> O sr. João Chrysosthomo de Abreu e Sousa.

<sup>13</sup> José Estevão.





VISCONDE DE MONTE SÃO

que diz c'os seus botões: «A patria, eu lhes següro, morreu, ai! sim! morreu, faltando o Belchior.»<sup>14</sup>

Quem entre o immenso rir, que vai pela cidade, consagra um pranto só de misera saudade ao ligeiro Bentinho,<sup>15</sup> ao immortal pavão? Esqueceu-se o Arsenal? Julga-se isto uma historia? A escada é um signal de immorredoura gloria! Ante o Bento e o Moraes<sup>16</sup> Mariannis<sup>17</sup> quem são?

Não digo que se faça um grande monumento ao obeso varão de gordo pensamento em quem o Léotard<sup>18</sup> vira um grande rival. O *Cabeça de arroz*<sup>19</sup> não nos requer estatuas, elle, que ao ventre seu pospondo illusões fatuas, para a pelle salvar déra um salto mortal.

Mas uma lousa só para o salvar do olvido! Ao ministerio audaz, que é no Price temido, devemos gratidão, porque nos fez já rir. Dé-se uma escada de honra, e no final recinto

<sup>14</sup> Belchior José Garcez, que era muito trigueiro.

<sup>15</sup> O sr. Carlos Bento da Silva.

<sup>16</sup> Antonio Alberto Moraes de Carvalho.

<sup>17</sup> Uns gymnastas celebres que estavam então em Lisboa.

<sup>18</sup> Antonio Alberto Moraes de Carvalho era muito gordo; o Léotard era um celebre voador, cujo nome não estará ainda esquecido.

<sup>19</sup> Era uma das alcunhas de Moraes de Carvalho.

leia-se esta inscripção: «Este governo extinct passou do eterno somno ao eterno dormir.»

Era assim que em geral se recebia o novo ministerio, não entre os politicos que conheciam o valor d'esses dois homens novos, que deviam ter depois uma carreira tão brilhante, mas no publico indifferente, que não podia comprehender porque é que José Estevão, por exemplo, não havia de ser ministro. José Estevão, por esse tempo, afastára-se do partido regenerador, e parecia excellente o ensejo para o marquez de Loulé o prender definitivamente ao seu partido. Tambem se não comprehendia que o marquez de Loulé ficasse interinamente com a pasta das obras publicas, quando tinha no partido um engenheiro de alta reputação, como era o sr. João Chrysostomo.

Todos os prognosticos iam ser desmentidos.

PINHEIRO CHAGAS.

## A BASTILHA PORTUGUEZA

Em um dos autos de perguntas ao desventurado conde de S. Laurénço, preso durante quinze annos no forte da Junqueira, o



desembargador José Antonio de Oliveira Machado, escrivão e djunto da Suprema Junta da Inconfidencia, diz o seguinte:— «ali fiz segundas perguntas ao conde de S. Lourenço, D. João José, recluso por ordem de sua magestade n'esta bastilha ou cadeia de Estado» etc.

Dizia-se vulgarmente o forte ou os carceres da Junqueira, mas tal designação, por demasiado singella, não quadrava ao arrogante desembargador. «Bastilha ou cadeia de Estado» — eis como elle se expressa. E esta fanfarrice, lançada em confidencia no passivo instrumento judicial, significa porventura o desejo que nutria o severo magistrado de nobilitar o seu baixo officio, de não ser carcereiro, mas sim outra qualquer cousa, por exemplo, o governador da bastilha portugueza. E' isto, pelo menos, o que parece inferir-se de um valioso manuscripto que, sem o buscar, veio casualmente parar ás minhas mãos, como já me succedera com um volume da correspondencia do infante D. Francisco no anno 1726, que hoje pertence á collecção de ineditos de Academia Real das Sciencias, á qual tomei a liberdade de o offerecer para recreação dos estudiosos. E' o livro de registo da prisão da Junqueira, no qual se encontra repetida com igual jactancia a mesma expressão—«bastilha ou cadeia de Estado.»

Qu m fosse o desembargador Oliveira Machado dizem-no, melhor que ninguem, os innumerados autos de perguntas que elle escreveu, todos de seu proprio punho, durante o largo periodo de vinte e sete annos, que tantos governou o marquez de Pombal. Ao lê-los se conhece immediatamnte que elle era de curto entendimento, não só grosseiro e rude.

E por isso havemos por mui semelhante o retrato que d'elle nos legou um dos illustres presos da Junqueira, mais digno de dó:

«E', com effeito, de coração durissimo... Não digo nada de suas letras, porque vejo que a fama terá publicado bastante-mente que as não pôde haver mais garrafas; e corta o coração vel-o estar arbitro de honras, vidas e fazendas; não entendendo o que lhe dizem, não percebendo os livros, e sendo absolutamente incapaz de toda a casta de discurso. A maior parte das vezes que nos visita é sempre para dizer maravilhas de si mesmo e principalmente do seu catholicismo. <sup>1</sup>»

Todavia, o marquez de Pombal, quando já mortificado pelos rigores do desterro, não duvidou exarar n'um documento celebre, com a obstinação propria do seu caracter, este elogio do mais dedicado e fiel executor das suas ordens:

«Pelos livros da receita e despeza da custodia da torre da Junqueira se manifestará que, sendo o presidente d'ella um ministro dotado de tanta bondade e caridade, como é o conselheiro José Antonio de Oliveira Machado, sempre fez quanto n'elle esteve para não poupar despeza ou cuidado a respeito de tudo o que podia alliviar os referidos presos. <sup>2</sup>»

Passemos a tractar do livro.

## I

Tem por titulo ASSENTO DOS PRESOS 1.º Destinado, com effeito, a ser o primeiro de uma serie que, todavia, nunca existiu, tem no principio sete folhas escriptas com os nomes dos encarcerados, e, notado á margem, o destino que tiveram; e no fim cinco folhas com assentos de obito de alguns presos. Ficaram em branco todas as mais, sendo ao todo noventa e oito.

A primeira contém apenas a declaração de que esse livro era para n'elle se lançarem os nomes das pessoas que para lá fossem, ou as notas de quando sahisses ou fallecessem. Tem esta folha a data de 10 de fevereiro de 1757.

Diz a segunda que o desembargador Oliveira Machado foi para Belem como juiz commissario em 13 de novembro de 1755 e que a obra do forte e bastilha da Junqueira, começada em 9 de fevereiro de 1757, estava concluida aos 22 de marco da 1759; tendo sido este o primeiro dia em que o mesmo desembargador foi residir no forte.

Seguem os nomes dos presos, alguns dos quaes transferidos de outras cadeias, como se vê das datas da sua entrada na prisão, anteriores á construcção do forte e até do tempo d'ella (1756-1757); mas de nenhum d'esses infelizes, que são quatorze, farei aqui menção especial por terem passado obscuramente. <sup>3</sup> Paz á sua memoria!

De fls. 4 em diante é que, na verdade, principia a offerecer interesse para a historia o registo das bastilha portugueza. Contém essa folha os nomes de cinco presos, e diz assim:

<sup>1</sup> As prisões da Junqueira pelo marquez de Alorna, 2.ª ed. pag. 3 e 4.

<sup>2</sup> Contrariedade ao libello offercido por Francisco José Caldeira Soares Galhardo de Mendanha contra o marquez de Pombal—Appenso quarto—n.º 84—Ms. da bibliotheca da Academia Real das Sciencias.

<sup>3</sup> Deve exceptuar-se Martinho Velho Oldemberg, preso em 26 de agosto de 1756, e o advogado Francisco Xavier Teixeira de Mendonça preso em 2 de setembro seguinte, que foram degradados para Angola em 25 de junho de 1760, por terem representado ao rei contra Sebastião José de Carvalho e Mello sobre «muitas cousas, entre as quaes se achavam grandes desarranjos da fazenda real.» Veja-se o n.º V das Prisões da Junqueira, em que o marquez de Alorna dá tambem noticia de quasi todos os outros presos de mener consideráveis.

«Em 22 de março de 1759, que vim para este forte, na mesma occasião vieram os presos seguintes que estavam na quinta do Meio (Pateo das Vaccas).

«O conde de Obidos (á margem.) Fallecido.

«O conde da Ribeira (á margem) Fallecido.

«O conego José Maria.

«D. Martinho, fi ho do que foi duque de Aveiro.

«Antonio da Costa Freire, que foi desembargador (á margem) Fallecido.»

O conde de Obidos, accusado de saber que se tramava contra a vida do rei, não teve comtudo parte no attentado de 3 de setembro de 1758. Visita frequente do palacio dos Tavoras, entretinha muitas relações de amizade com a marquezia D. Leonor, a qual, segundo as declarações do duque de Aveiro, o havia persuadido a entrar na conjuração. Por isso foi preso na madrugada de 13 de dezembro d'aquelle anno e levado ao Pateo das Vaccas, d'onde pouco tempo depois o mudaram para o forte da Junqueira. Ahi falleceu, apoz horriveis soffrimentos, a 10 de março de 1761.

O conde da Ribeira Grande, D. Guido, foi delatado pelo duque de Aveiro de haver tambem conspirado com as condessas mãe e filha, por suggestões dos Tavoras e do jesuita Diogo da Camara, irmão do conde de Aveiras, concorrendo todos tres com seis moedas para se prefazerem as quarenta dadas em premio aos axecutores do attentado. Prezo, como os outros fidalgos, ao romper o dia 13 de dezembro, escapou não obstante do ultimo supplicio e expirou no forte da Junqueira em 17 de janeiro de 1768.

O conego José Maria vinha a ser D. José Maria de Tavora, conego de santa basilica patriarchal e irmão do marquez Francisco de Assis de Tavora. Conduzido debaixo de prisão para o Pateo dos Bichos, como todos os membros da sua familia, residentes em Lisboa, penou desoito annos no forte da Junqueira, d'onde sahiu em 1777 com poucas pessoas mais da sua alta gerarchia, quando, morto D. José I, sua piedosa filha, D. Maria I mandou, antes de mais nada, abrir as portas dos carceres aos presos de Estado.

D. Martinho de Mascarenhas, marquez de Gouveia, filho do duque de Aveiro, fôra preso com seus paes em 14 de dezembro de 1758, na casa de campo de Azeitão, onde se divertia em andar armando aos passaros com o regicida José Polycarpo de Azevedo, que o conde de Oeiras, por mais diligencias que fizesse, nunca ponde agarrar. E de todo se esqueceram d'aquelle innocente creança, o marquesito, como lhe chamavam, que tambem se esqueceu... e foi vivendo até que sahiu com os outros presos do forte da Junqueira.

Finalmente, o desembargador Antonio da Costa Freire, que era todo Tavoras. Os laçaios dos fidalgos, inquiridos na Inconfidencia depois d'estes já executados para se saber se havia ainda mais cúmplices no attentado, uma das pessoas que apontaram como das que mais assiduamente frequentavam o palacio dos Tavoras ao Cruzeiro da Ajuda foi o desembargador Freire. O duque de Aveiro tambem o accusou de um «plano que havia feito depois do terremoto para estabelecer a Junta da Providencia que havia de absorver o mesmo governo, composta dos duques de Lafões e de Aveiro, dos marquezes de Angeja e de Marialva, pae, do conde de S. Lourenço» etc.; plano que, tendo sido bem recebido do rei, não surtiu effeito. Preso já antes d'isso com outros reos, olvidaram-no entre ferros. Não resistiu á provação. O assento do seu obito tem a a data de 4 de março de 1771.

## II

Agora os jesuitas. Lê-se a fl. 5:

### JESUITAS

«José Moreira (á margem) Fallecido.

«João de Mattos (á margem) Fallecido.

«Francisco Duarte.

«Timotheo de Oliveira.

«Pedro Homem (á margem) Foi para o Santo Officio em 10 de janeiro de 1761 por um precatorio do Juizo da Inconfidencia.

«Gabriel Malagrida.

«José Perdigão, que era procurador geral.

«Jacintho da Costa (á margem) Fallecido.

E' de notar que não vem n'este rol o nome do padre João Alexandre, jesuita muito fallado n'aquelle tempo. Ainda muitos annos depois d'esses acontecimentos ninguem sabia que fim tinham levado os padres João Alexandre e João de Mattos. Suppunham-nos já defunctos e, n'esta parte, só se enganavam em cuidar que tinham ambos fallecido no forte da Junqueira. O pseudonymo *duc du Chatelet*, que escreveu já depois de terem sido mandados pôr em liberdade os presos de Estado, afirma haver quem então dissesse que os dois jesuitas Mattos e Alexandre tinham sido mortos occultamente nas prisões. <sup>4</sup> E o doutor José Pedro Ferraz Gramoza, cujo manuscripto intitulado *SUCCESSOS DE PORTUGAL*, e impresso na occasião do centenario do marquez de Pombal em 1882,

<sup>4</sup> *Voyage du ci-devant duc du Chatelet en Portugal*, t. I, pag. 136.





MENDIGOS CHINEZES



alcança até a regencia do principe, que depois foi D. João VI, diz a este respeito:—«E' bem natural que os dois jesuitas João Alexandre e João de Mattos fallecessem no carcere da Junqueira, aonde estavam reclusos, porque não houve mais noticia d'elles.» (t. I, pag. 173) —Mas do ASSENTO DOS PRESOS mostra-se que o padre João Alexandre não chegou a entrar na Junqueira. E' pois de crer que houvesse fallecido antes de concluida a obra do forte.

Tornando á lista cumpre notar:

- 1.º Foram oito os jesuitas presos na Junqueira;
- 2.º Tres ali falleceram—José Moreira—João de Mattos—Jacintho da Costa.
- 3.º Quatro que então eram vivos—Francisco Duarte—Gabriel Malagrida—Timotheo de Oliveira—José Perdigão.
- 4.º Pedro Homem, remetido para o Santo Officio.

Dos quatro que ainda viviam Timotheo de Oliveira e José Perdigão sahiram do forte em 1777, como assevera Ferraz Gramozza (t. II, pag. 17), que n'este ponto não se engana como quando affirma que o padre Jacintho da Costa tambem de lá sahiu, sendo todavia certo que havia já muito tempo fôra sepultado no carneiro do forte. O assento do seu obito, lançando a fl. 87, diz que elle «falleceu da vida presente de doença que Deus Nosso Senhor foi servido dar-lhe em 28 de dezembro de 1762, e foi enterrado no carneiro do mesmo forte.»

Tinham vindo da cadeia de Belem os jesuitas José Moreira, Jacinto da Costa e João de Mattos, que morreram na Junqueira: o primeiro em 22 de junho, o segundo, como fica dito, em 28 de dezembro, e João de Mattos em 4 de setembro de 1762.

Acabou tristemente o padre Moreira, pois diz o marquez de Alorna que elle «dentro em pouco tempo começou a fazer-se pateta.» Tinha, não obstante, intervallos lucidos de bastante duração, e «morreu com todos os sacramentos e grandes signaes de santidade, protestando a sua innocencia e da sua amargurada religião, segundo o que podia alcançar o seu entendimento.»

José Moreira tinha sido um dos chamados *padres do Paço*, isto é, dos confesores da familia real, que eram com elle cinco, Timotheo de Oliveira, Jacintho da Costa, Manuel de Campos e José de Araujo. O padre Moreira, confessor de D. José I e da rainha D. Marianna Victoria de Bourbon, fôra no seu tempo um dos vultos principaes da Sociedade de Jesus em Portugal. Contava na prisão o conde de S. Lourenço que Sebastião José antes de ministro, passava horas e horas com o padre Moreira. E porventura foi elle um dos jesuitas que mais concorreu para a sua elevação ao poder.

Quanto ao padre Malagrida, ninguem ignora o máo fim que teve; e de Francisco Duarte, chronista da provincia lusitana, sabe-se que era muito estudioso, e «o mais robusto de quantos aqui tem estado.»<sup>5</sup> Sahiu em março de 1777 com José Perdigão e Timotheo de Oliveira, e foram estes os sós jesuitas que no forte da Junqueira ouviram lér ao desembargador Oliveira Machado o breve da extinção da Companhia de Jesus, *Dominus ac Redemptor noster*, de 21 de julho de 1773.

### III

Eis aqui os ultimos presos que o implacavel ministro de D. José I tinha ido buscar ao que havia de mais selecto na aristocracia, no clero, na diplomacia e até no gremio pacifico dos homens de letras, sem outro fim mais que deixal-os penar ou morrer.

Falam por si estes nomes, lançados a fl. 5 v. 6, 6 v. e 7:

#### ANNO DE 1759

- 1 de abril—João de Tavora (*á margem*) Fallecido.
- 2 de junho—Gonçalo Christovam Teixeira Coelho.
- 23 de junho—João Bernardo, sobrinho do dito Gonçalo Christovam.
- 8 de novembro—Antonio Freire Encerrabodes.

#### ANNO DE 1760

- 25 de junho—D. João VI, frade de S. Vicente.
- 9 de julho—Bento de Moura Portugal.
- 21 de julho—D. Estevam, frade de S. Vicente.

#### ANNO DE 1761

- 2 de janeiro—Marquez de Alorna.
- Manuel de Tavora.
- 30 de junho—Salvador Soares Cotrim, escrivão que foi do fisco. (*á margem*) Foi para Mazagão, por tempo de dez annos, sentenciado em 26 de fevereiro de 1762, e sahiu a 3 ou 4 de abril do dito anno.
- 9 de julho—Padre Antonio José Roiz Villavicencio.

#### ANNO DE 1762

- 27 de janeiro—Nuno Gaspar, irmão do que foi marquez de Tavora.

<sup>5</sup> Cit. *Prisões da Junqueira*, pag. 47.

8 de fevereiro—Conde de S. Lourenço.

Eram ao todo treze.

Digamos primeiramente dos tres irmãos do marquez de Tavora, João, Manuel, e Nuno Gaspar. A familia a que pertenciam pôe de manifesto a causa da sua prisão. João de Tavora, tendo sido convidado pelo duque de Aveiro, seu cunhado, para tambem entrar na conspiração, não sómente annuiu logo, mas até se promptificou a ser um dos executores do attentado. O duque de Aveiro, que isto affirmou nas terceiras perguntas, referiu tambem n'essa occasião que João de Tavora, passado algum tempo, se retractára, exhortando pelo contrario o duque «para que desistisse de tão detestavel intento pelo perigo a que se expunha de perder-se a si e á sua casa,» e que n'este proposito partira para Traz-os-Montes, não tornando mais a haver com elle pratica ou escripto sobre tal assumpto.

Não obstante, foi preso n'aquella provincia e conduzido pelo desembargador Manuel Gonçalves de Miranda ao forte da Junqueira, onde morreu, não se sabe ao certo quando, pois que do ASSENTO DOS PRESOS não consta a data do seu fallecimento, n as é de crer que fosse antes de março de 1762, em que começaram a lançar-se n'aquelle livro os assentamentos de obito. Tambem o não diz o marquez de Alorna nas suas *Prisões da Junqueira*: apenas conta que elle falleceu de um ataque de apoplexia.

Nuno Gaspar de Tavora estava preso no forte de Santa Luzia em Elvas quando foi mandado para os carceres da Junqueira, onde, além do conego José Maria, encontrou Manuel de Tavora, que para alli viera com o marquez de Alorna, seu companheiro de prisão. Postos em liberdade no principio do reinado de D. Maria I, não quizeram acceitar o perdão da rainha, por se considerarem illibados de toda a culpa e pretenderem ser declarados taes por sentença judicial. Ordenou então a soberana, em portaria de 7 de março de 1777, que elles se retirassem para distancia de vinte leguas da côrte, onde poderiam tratar dos meios competentes a esse fim. O conego foi para casa de sua irmã, a condessa da Ribeira, e os outros dois irmãos para Evora.

A prisão de Gonçalo Christovam Teixeira Coelho e de seu sobrinho João Bernardo, foi devida a esses dois fidalgos terem escondido o regicida José Polycarpo de Azevedo, a quem tambem depois proporcionaram a fuga. E' uma comprida e interessante historia que o leitor pôde vér, se quizer, no *Perfil do marquez de Pombal*, (pag. 82 84) do sr. Camillo Castello Branco. Aqui baste dizer que Gonçalo Christovam, tendo sido iniquamente esbulhado do vinculo de Montalvão pelo conde de Oeiras, era natural que não morresse de amores por elle. E quando veio a saber-se o que Gonçalo Christovam tinha feito a favor de José Polycarpo, o conde secretario de Estado mandou-o logo prender mais o sobrinho no forte da Junqueira, d'onde ambos tiveram a fortuna de sahir para Villa Real de Traz-os-Montes em 1777.

Innocencio Francisco da Silva parece attribuir a prisão de Gonçalo Christovam e do seu advogado Francisco Xavier Teixeira de Mendonça á demanda que, por causa do tal vinculo, lhe intentou e por fim venceu o conde de Oeiras. Porém, o sr. Camillo Castello Branco refuta triumphantemente essa opinião; a pag. 80 e 88 da obra citada. Resta unicamente precisar as datas da prisão de ambos e a da sahida do ultimo para o degredo, á vista do registo do forte da Junqueira. São textualmente as seguintes:

«Em 2 de setembro de 1756 foi preso, por ordem de sua magestade, Francisco Xavier Teixeira, advogado n'esta côrte, em casa de Gonçalo Christovam. (*á margem*) Foi para Angola em 25 de junho de 1760.

«Em 2 de junho de 1759 veio preso, por ordem do dito senhor, Gonçalo Christovam Teixeira Coelho.»

(Conclue).

ALBERTO TELLES.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O VICE-ALMIRANTE RODOVALHO

A marinha de guerra portugueza acabou de perder, no vice-almirante Rodovalho, um dos seus mais illustres ornamentos. Parece-nos pois que os nossos leitores não acharão fóra de proposito que demos hoje o retrato d'este valente official e que o acompanhemos de umas notas biographicas arrancadas ás suas proprias memorias.

O vice-almirante João Maximo da S. Rodovalho foi para a ilha Terceira em 1829, e tendo-lhe alli sido dada, pelo governo da rainha a Senhora D. Maria II, a nomeação de primeiro piloto da armada, embarcou como tal no lugre «Boa Esperança», primeiro navio de guerra que teve aquelle governo na mencionada ilha.

Fez parte da campanha dos Açores, assistindo á tomada de todas as ilhas que então se achavam em poder dos miguelistas,



sendo, n'este serviço, empregado como commandante em diversos navios.

Quando se organisou na ilha de S. Miguel a expedição que desembarcou nas praias do Mindello, acompanhou essa expedição, e durante o cerco do Porto, esteve sempre em diferentes navios de guerra, entrando em fogo contra o inimigo sempre que as circumstancias o exigiam.

Depois da tomada da esquadra miguelista regressou a Lisboa, aonde foi empregado como commandante e immediato em diversos navios da esquadra, servindo sempre com louvor.

Acabada a campanha, foi nomeado commandante da escuna «Cabo Verde», e n'este navio fez tres viagens successivas á costa de Africa occidental, na qualidade de correio. Foi tal a rapidez com que executou estas commissões, que o ministro da marinha as mandou publicar no «Diario do Governo», como extraordinarias e nunca feitas, até então, com igual rapidez em navios de vela.

Sendo promovido a capitão-tenente, foi-lhe confiado o commando da corveta «Relampago», que se destinou ao cruzeiro da Africa occidental, e ali praticou tal destroço no trafico da escravatura, que por todos era conhecido como o—terror dos negreiros.

N'este penoso serviço, que durou por espaço de tres annos, e depois de ter feito muitas presas, foi-lhe proposta a sua independencia e de toda a sua familia, por uma commissão dos mesmos negreiros, para não perseguir os navios empregados em semelhante trafico, proposta que elle rejeitou, preferindo antes ser pobre, do que vender por dinheiro a honra.

Depois d'estes serviços regressou a Lisboa, e, sendo nomeado commandante da estação d'Angola e do brigue de guerra «Serra do Pilar, prestou ali relevantes serviços, fazendo parte da expedição que foi occupar o Ambriz e Bembe, entrando em fogo com toda a sua guarnição contra os indigenas que a pretendiam disputar, e defendendo o referido ponto do Ambriz até se construírem fortalezas para assegurar a occupação d'aquelle territorio ha tanto tempo abandonado.

Concluidos que foram estes serviços, foi empregado em diversas commissões nos portos do sul d'aquelle provincia, e por essa occasião aprezou, na bahia de Benguella Velha, mais um brigue, que estava completamente equipadado para receber um carregamento de escravos que se achavam no interior da Equimina, promptos a embarcar. Em seguida a este aprezamento, desembarcou em terra por alta noite, com 40 homens armados, e dirigindo-se, no maior silencio, ao barracão aonde se achavam os escravos, em numero de duzentos e tantos (logar deserto), foram estes por elle libertados e conduzidos a Loanda a bordo do brigue do seu commando, tendo-lhes antes quebrado as algemas e libambos a que se achavam presos. Tanto estes desgraçados como o navio que os pretendia embarcar, foram julgados boa presa pelo tribunal competente.

O governador geral d'aquelle provincia, o conselheiro José Rodrigues Coelho do Amaral, destinou para o serviço da mesma provincia o mencionado brigue aprezado, pondo-lhe o nome de «Rodvalho» em attenção aos relevantes serviços prestados pelo valente official. Por todos estes, e pelos muitos mais que já havia realisado como crusador n'aquellas paragens, foi por diversas vezes recommendado pelo governo inglez, e louvado pelo da metropole.

Durante a campanha dos Açores em 1830, a favor da causa liberal, commandou os seguintes navios:

Brigue-escuna, «Boa-Esperança», armada em berlote.

Escuna «Coquette, Hiata «Soledade», e Escuna «Prudencia.»

Commandos em Lisboa:—Brigue-escuna «Algarve», Escuna «Amelia», Escuna «Cabo-Verde», Corveta «Relampago», Vapor «Mindello», Vapor «D. Luiz», Fragata «Rainha de Portugal», Nau «Vasco da Gama», Corveta «Estephania», e, ultimamente, o corpo de marinheiros da Armada.

Além d'estes commandos, embarcou como immediato, e de guarnição, em muitos outros navios, passando quasi toda a sua vida no penosissimo serviço do mar e nas estações d'Africa.

Condecorações que lhe foram dadas:—1.º grau da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Merito.—2.º grau da mesma ordem, official.—3.º grau de commendador da mesma ordem. Commenda de Aviz, e o habito da mesma ordem. As tres medalhas da campanha da liberdade, sendo de ouro a de relevantes serviços. Medalha commemorativa da expedição á Africa, dada por El-Rei. Carta de conselho, pelos relevantes serviços prestados ao paiz.

#### VISCONDE DE MONTE SÃO

O visconde de Monte São, Manuel dos Santos Pereira Jardim, lente de Prima, decano e director da faculdade de philosophia, nasceu em Coimbra, a 19 de julho de 1818.

Seus paes foram pobres de fortuna, pois legaram a seus filhos tradições de honradez e probidade, em subido grau, herança antiga de seus maiores. O visconde de Monte São foi desde tenros annos destinado á carreira das letras, pela grande aptidão

que mostrou nas escolas. Fez a sua primeira aula de grammatica no seminario episcopal, e logo ao fim do anno de 1831 passou para o collegio das Artes, em que os jesuitas haviam criado um curso completo de instrucção secundaria. O seu decidido amor ao trabalho e o seu talento grangearam-lhe a amizade de todos os seus mestres, e especialmente dos jesuitas, que mostraram grande empenho em admittil-o na sua ordem.

Já por esse tempo ganhou em concurso o logar de chefe perpetuo da sua aula, e figurava o primeiro nas tabellas das distincções, que os jesuitas publicavam todos os mezes.

Mas o joven estudante pertencia a uma familia liberal, toda comprometida pelo governo absoluto, e em 1833, contando apenas 15 annos, e já orphão de pae, abandonou o collegio dos jesuitas, e foi assentar praça no regimento de voluntarios da Rainha, em que fez as campanhas do cerco do Porto, e das provincias, até á convenção de Evora Monte.

Acabada a campanha da liberdade, voltou ao estudo das sciencias abstractas, e foi convidado a graduar-se em mathematica.

Doutorou-se na faculdade de philosophia em 31 de julho de 1840, com 22 annos de idade, e pouco depois casou com uma senhora distincta pelo seu nobre nascimento e virtudes, e herdeira de uma fortuna consideravel.

Durante o seu longo tirocinio de oppositor na Universidade, regeu diversas cadeiras da faculdade, e foi chamado pelo conselho superior de instrucção publica a fazer o relatorio da instrucção superior.

Apesar de lhe marcarem o estreitissimo espaço de tempo de dois dias, desempenhou-se brilhantemente d'esta commissão.

Datam d'aquelle epoca (1849 a 1854) os estudos, a que se dedicou o visconde de Monte São, sobre a instrucção primaria. Existem a este respeito trabalhos impressos em que advoga a fundação das escolas asylos, hoje vulgarisadas e apreciadas nas nações mais adiantadas nas sciencias, taes como a França, a Belgica e a Allemanha.

A reforma dos lyceus, a criação de uma escola equivalente á que temos hoje com a denominação de Curso Superior de Letras, vem advogada no seu excellente livro: «Reforma de Philosphia Racional e Moral.»

No Instituto, de que foi collaborador, publicou artigos dignos da alta reputação d'essa revista litteraria. Nas lides da imprensa politica tomou parte muito activa, no sentido das idéas mais avançadas d'aquelle tempo (1846 a 1853), e de alguns artigos de polemica com os homens que hoje occupam as mais altas posições sociaes, sabemos nós que ostentam uma redacção esmerada, phrases incisivas, conceitos vehementes, e vasta erudição.

Em 1862 foi eleito provedor da santa casa da misericordia de Coimbra, e houve-se no desempenho d'este cargo com tanta prudencia e zelo, que as misericordias de Coimbra e Estremoz bendizem o seu nome, por lhes haver conseguido, perante os tribunaes de justiça, a herança de Amaro Coutinho, pleito que trazia dividida em controversia toda a magistratura judicial portugueza.

O logar de provedor da misericordia recommendou o visconde de Monte São para presidente da camara, na época em que se reclamavam melhoramentos, que exigiam grandes sacrificios. Foi eleito para o biennio de 1866—1867.

Nas luctas que teve a sustentar por causa do mercado publico, revelou qualidades pessoases, que ainda hoje se admiram e respeitam.

Assaltado por vozerias populares, promovidas por pessoas interessadas em que o mercado se não fizesse, mostrou firmeza de caracter, e uma coragem pessoal extraordinaria.

Nunca cedeu do seu proposito nem a caricias nem a ameaças. Lutou contra demasias de toda a ordem, tanto de individuos como de corporações, sempre dedicado ao trabalho e descuidado dos seus interesses proprios, e o que mais é, da propria saude. A esta firmeza inabalavel se devem os grandes melhoramentos que realisou.

Mas a sua mais brilhante corôa de gloria nos logares de administração, é a que lhe foi votada pela opinião publica, a aprazimento de todas as classes sociaes, pelos beneficios que fez á instrucção primaria de todo o concelho de Coimbra.

Pela primeira vez se viu no orçamento de Coimbra uma verba destinada á instrucção popular, e com ella se deu casa a muitas escolas, mobilando-se todas uniformemente, provendo-se ás despesas dos alumnos pobres com relação a papel, pennas, lousas, etc.

Augmentou a gratificação aos professores, elevando-a de 20 a 40 mil réis.

Creou aulas nocturnas para adultos, antes mesmo do sr. Martens Ferrão, então ministro do reino, se ter lembrado de as fundar; e chamou á casa da camara, uma vez cada mez, os mestres de instrucção primaria de todo o concelho. Ahi os professores eram convidados a dizer o estado das suas escolas, qual o aproveitamento dos alumnos, e a requererem os auxilios de que careciam para maior prosperidade o adiantamento dos seus discipulos. Provendo com mãos largas a todas as exigencias dignas de serem auxiliadas, fez entrar na regra geral as aulas da Associação dos Artistas, as quaes dotou com 150,000 réis annaes.





COQUELIN



Como professor do lyceu de Lisboa e da Universidade, foi sempre escrupulosissimo no cumprimento dos seus deveres.

O visconde de Monte-São foi nomeado par do reino no tempo do ministerio regenerador, a que presidiu o illustre estadista Antonio Rodrigues Sampaio.

Por varias vezes fallou na camara, sendo ouvido com respeitosa attenção pelos seus collegas.

Ultimamente, nos ocios da quinta da Lamarosa, onde vivia e onde morreu, estava trabalhando n uma obra de vasto plano, acerca da agricultura nacional.

#### MENDIGOS CHINEZES

Além dos varios elementos que constituem a população de Pekin, calculada em oito centas mil almas, contam-se ali 70:000 mendigos, repartidos por todos os bairros, e formando uma associação de vadios quasi independente.

O mendigo asiatico, de que a nossa gravura representa varios especimens, anda ainda menos vestido que o mendigo europeu. As mais das vezes só tem alguns farrapos em volta da cintura.

Fallando dos mendigos de Pekin, diz um viajante celebre:

«Cheguei a ver um, que tinha por unico vestuario um cordão á cintura, do qual andava suspenso um tijolo como avental e outro como as *tournures* das damas. Talvez andasse em busca d'um photographo...»

#### COQUELIN

Alguns dados biographicos a respeito do celebre actor francez, que o nosso publico tem applaudido nos ultimos dias.

Constancio Coquelin, primeiro actor dramatico da França, é filho de um padeiro.

Nasceu no anno de 1841, em Boulogne-sur-mer, e, durante toda a sua adolescencia, trabalhou junto de seu pae, o qual tinha pensado em deixal-o herdeiro da sua atafona, que gozava de certa prosperidade. O padeiro porém pôe, e a natureza dispõe.

O rapaz, ainda não tinha dez annos, já tomava attitudes dramaticas, envolto em nuvens de farinha, e declamava versos correndo pelas ruas de Boulogne com a canastra de pão quente aos hombros.

Um dia dirigiu-se ao pae e disse-lhe resolutamente:

—Meu pae, quero ser actor.

O pae ergeu a cara enfarinhada, olhou o rapaz friamente e respondeu em tom amavel:

—Estás doido?

O rapazito insistiu na sua pretensão e o pae acabou por acceder, permittindo que Constancio deixasse o forno pela escola.

Acabados n'esta os estudos, passou a Paris, apresentou-se no Conservatorio, admittiram-o, estudou na classe de Regnier, e no anno seguinte entrou na gloriosa companhia da Comedia Franca, onde trabalhou pela primeira vez, quando tinha apenas dezenove annos, desempenhando, em 7 de dezembro de 1860, o papel de Gros René no *Dépit amoureux* e em seguida o de Petti Jean nos *Plaideurs*, de Racine.

Em 1862, tendo vinte e um annos, deu, em 15 de junho, um grande salto com *Le Mariage de Figaro*, de Beaumarchais, desempenhando o papel de Figaro, no qual brilhara já o actor Got.

Este papel, tão completo e tão difficil, que requer «a astucia de um diplomata, o engenho de um diabo e a elasticidade de um clown», achou interprete novo em Coquelin. Afastou-se, para fazel-o, das tradições, e fel-o com tal impeto de inspiração e galhardia, que deixou o publico assombrado e obrigou a critica a declaral-o unanimemente um dos primeiros actores de França.

No anno de 1863 executou a parte do Figaro no *Barbieri di Siviglia*, com exito extraordinario, posto que e accusassem de haver feito o Figaro de Rossini em vez do de Beaumarchais: foi então, diz-se, o Figaro mais joven, mais fresco e mais brilhante de quantos se exhibiram nos palcos dos theatros francezes.

Revelou-se depois como grande actor tragico no *Gringoire*, de Theodore de Banville, onde, com uma força de paixão que fez estremecer e chorar Paris inteiro, soube exprimir a amargura, a desesperação, o terror da morte, todas as tempestades que podem desencadear-se na alma de um homem que da escada do cada-falso volta á embriaguez da vida.

Desde 1863 que é socio da Comedia Franca e tem annos em que ganha cem mil francos (18:000\$000 réis).

#### A CULTURA DOS CAMPOS NA EDADE DE BRÔNZE

Não havia ainda arados nem as grandes machinas modernas, de lavoira; havia aquillo que ali se vê na nossa estampa—um a sachola rudimentar com que se abriam os sulcos na terra.

O que então existia já, era lavradeiras bonitas como a que apparece ao centro da gravura, em trajes pouco menos que paradisiacos. Bonitas lavradeiras, e boas couves repolhudas.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

#### CHARADA EM VERSO

Ao *non plus ultra* dos charadistas, «Pequeno Antoninho»

Julgo estar morta a charada,  
—Mimosa retribuição—  
Que, depois de decifrada,  
Me deu «soldado» E' ou não?  
Primeiramente, agradeço;  
Depois, desculpa lhe peço,  
Visto a charada que off'reço  
Ser fraca composição.

Mas vá. Na leve ramagem  
D'um salgueirito virente,  
Sacode a branda plumagem  
Meigo rouxinol contente.  
E a brisa, em louca passagem,  
Traz-me, toda myst'riosa,  
Uma nota harmoniosa  
Do seu cantico dolente.—1

Era nas margens do Liz,  
Mansa a lymphá sonora.  
Nos prados lindo matiz,  
No ar perfumes de rosa.  
Ail que encantos tão subtile!  
E o rouxinol saltitava,  
Seu gorgoejo redobrava,  
E sempre em lida affanosa—1

Mas, depois, o trovador,  
Talvez farto de cantar  
Os seus poemas d'amor,  
Foge. Deixa o seu logar.  
Da caça vinha o senhor:  
Dispara uma arma que tinha,  
E a decantada avesinha  
Quasi que chega a matar!—1

Fiquei com raiva, senhor,  
Ao ver aquella insolencia!  
F'rir das relvas o cantor!  
Comtudo era vocencia...  
E como é meu sup'ior,  
E é meu dever, 'stá sabido,  
Tive de pôr-me em sentido  
E fazer-lhe a continencia!

Leiria.

M. MONTEIRO JUNIOR.

A Herculano Augusto Rodrigues Miranda de Carvalho

Ao primeiro decifrador—«Um album com vistas de Portugal»

Se tu consultares bem a geologia,  
Em qualquer terreno me podes achar;—2  
Mas se procuras em Mythologia,  
Da Terra vés um filho e tambem é do ar,  
Que alem de ser Deus, acredita e confia,  
Que ainda nos astros o podes observar.—2

Mas se em zoologia tu me procurares,  
Entre os animaes é que me podes vér;  
A classe não digo, mas pela *achares*,  
Se tu o conceite quizeres saber.

Castello Branco.

XAVIER RODRIGÃO.



CHARADA EM DIALOGO

— Pistt! oh tiosinho  
faz-me um recadinho?  
— Diga lá, menina,  
O moço aqui está;  
onde quer que vá?  
— Ao talho da esquina.

Vá, mas n'um instante,  
pois não é distante;  
A'quelle onde está  
Agora um correio,  
Traga arrate e meio  
De vacca da pá. 2

Baldado trabalho  
não vou áquelle'talho,  
Porque o cortador  
hontem enganou-me,  
maroto! intrujou-me,  
Sempre é um senhor! 1

Desanda lhe dei,  
Mas sova apanhei  
do tal paspalhão;  
E se não me escapo,  
Tinha mais sopapo,  
Porque é valentão.

MATHEUS JUNIOR.

CHARADA MAPPA (EM VERSO)

2	2	Affirmam os doutores, Que existe um animal;
2	2	Eu affirmo aos leitores, Que é instrumento usual.
Que pertence a animal, Tambem posso dizer;		
Sendo de bom metal, Muito pode valer.		

Covilbã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Problema

Dois individuos resolveram jantar juntos, apresentando um 5 pratos, e o outro 3, todos do mesmo valor. Na occasião do jantar apparece um terceiro, que, desejando jantar tambem, propõe pagar tanto como qualquer dos outros. Suppondo que este ultimo paga 800 réis, como deve ser distribuido este dinheiro pelos dois primeiros.

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DA CHARADA EM VERSO:—Saramágo.  
DO LOGOGRIPO:—Archeiro.

EXPEDIENTE

A charada em verso do nosso ultimo é do habil charadista viziense, «Pequeno Antoninho».

A decifração da charada do mesmo author, publicada no n.º 40, é Procopio e não Saramago, como por lapso dissemos.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA COMBATER OS SOLUÇOS

Os soluços mais incommodos e perigosos proveem, em geral, de fraqueza e má digestão. Curam-se engulindo um pedaço de assucar humedecido com algumas gottas de ether sulfurico, ou bebendo por pequenos gollos um copo de vinho, ou tomando uma colher de vinagre ou sumo de limão misturado com ortelã pimenta, ou agua fria simples, bebida aos gollos.

A RIR

— José!  
— Senhor!  
— Eu não te disse que arejasses o meu gabinete? Afinal de contas deixaste-o ficar fechado, e o fumo do tabaco não sahio.  
— Não sahio porque não quiz, que eu deixei a chave na porta.

\*  
O sr. B. exaggera a antiguidade dos seus pergaminhos e conta a toda a gente que é da mais antiga nobreza.

— N'esse caso, os seus avós eram cruzados.  
— Não eram, porque foram protestantes, senão tinham sido.

DUAS HISTORIAS

O FIO DE PEROLAS

Entrei no theatro anatomico.  
Sobre a meza de marmore via-se o cadaver de uma mulher, loira como o sol portuguez, fria como as estrellas do Norte.  
O theatro estava deserto. Os estudantes ainda não tinham chegado, e o guarda do gabinete, — um velhinho d'olhos azues, andava na sala contigua, limpando os frascos cheios de espirito de vinho onde se viam fétos horrorosos, suspensos dos fluctuadores de crystal.

Sobre a meza de marmore, aquella defuncta de mãos imperiaes jazia immovel e petrificada, como as velhas figuras que dormem sobre o sepulchro das Princezas e dos Reis, na meia penumbra das cryptas silenciosas.

Acerquei-me d'ella.  
Pareceu-me bonita e nova.

Não era um d'esses cadaveres repugnantes, que nos impressionam tão dolorosamente. Não, não era assim.

Na sua epiderme côr de leite sentia-se ainda a ultima palpação da carne, o ultimo estremecimento da vida.

Inclinei-me um pouco para a ver melhor, e foi então que eu descobri um fiosinho de perolas espiralando-se n'uma serpentina adoravel em torno do seu pescoço alvissimo.

E, — coisa terrivelmente espantosa! — apenas comecei a affirmar-me n'esse collar, ellas, as pequeninas perolas, semelhantes a pequeninos olhos de peixe, disseram-me n'uma voz dilacerada e compungida:

.....  
— Visionario, vem ouvir o romance da nossa vida.

Nascemos nas aguas do Ceylão, n'esse mar esmeraldino onde as areias são mais doiradas, onde os coraes são mais vermelhos. Varios pescadores roubaram-nos ás nossas queridas ostras e venderam-nos a um judeu feio como a noite e mau como as serpentes.

Um dia fomos parar á officina d'um ourives, que nos depositou nas mãos de um seu empregado, um rapaz lindissimo por quem nós todos nos apaixonámos.

Oh! foi delicioso o tempo que ali estivemos!

O contacto dos dedos brancos do joalheiro produzia-nos torturas indscriptíveis.

Mas um dia...

Um dia, quando nos transformaram em collar, expuseram-nos na vitrine sobre uma almofada de pelucia negra.

Ahi fomos muito felizes. Passavamos o dia a ver o movimento da rua, affrontando os olhares que nos volviã os transeuntes.

Quantas rapariguinhas pobres não nos invejaram!

Quantas, sabe Deus quantas!

Assim estivemos muito tempo. Ha cousa d'um anno, entrou na loja um bonito rapaz. Dirigiu-se ao ourives e perguntou-lhe:

— Quanto custa aquelle collar?



Ouvindo estas palavras, todas nós estremecemos.

O ourives e elle conversaram longo tempo, mas em breve fomos arrancadas á nossa querida *vitrine* e encarceradas n'um estojo de setim verde.

O estojo era fechado e por isso não podemos dizer o caminho por onde esse rapaz nos levou.

Apenas sabemos que, passados alguns instantes, o estojo era aberto, apressadamente, e, de subito, achamo-nos n'um camarim luxuoso e perfumado, onde as mãos de uma rapariga loira nos acariciavam docemente.

Essa rapariga chamava-se Hortensia e era a amante do rapaz que nos havia comprado...

—Visionario, continuaram as perolas; Hortensia, essa linda creatura d'olhos cor de turqueza, é esta mesma creança em cujo pescoço nos enroscamos, é este pobre cadaver que tens defronte de ti!

Desde esse dia nunca mais nos apartámos de Hortensia.

Os dois namorados eram doidos, um pelo outro.

Muitas e muitas vezes sentimos o rumor dos seus beijos e ouvimos as suas palavras.

Oh! nem tu imaginas o que elles diziam!

O Radjah amava muito a sua Kadina: tinha-lhe muito amor, mas tinha tambem muito ciúme.

Por esta razão mandára postar duas guardas juncto do palacio da sua amante, que era espiada a todos os momentos.

Ella, porém, a despeito de todas essas precauções tomadas pelo ciumento Radjah, amava um Índio valente e destemido, — o valente e destemido Alam-Guir que, só n'uma batalha, degollára perto de duzentas cabeças.

Os dois amantes encontravam-se todas as noites.

Durante alguns mezes correu tudo perfeitamente bem.

Mas o Amor tem, ás vezes, uns descuidos deploraveis.

E, mercê de um d'esses descuidos, foram descobertas as relações amorosas que havia entre Alam-Guir e a formosa Kadina.

Foi n'uma tarde ao cabir do sol.

O Radjah sentado n'um palankin soberbo, descansava orientalmente, agitndo o leque de plumas onde phosphorejavam as pedras preciosas, brilhantes e vivas como os olhos inquietos de um antilope.

Duas argolas de oiro enleivavam-lhe os tornozellos e uns ricos escarpins bordados a missanga encobriam-lhe os pés microscopicos.



A CULTURA DOS CAMPOS NA EDADE DE BRONZE

Mas um dia...

Um dia o namorado de Hortensia desapareceu e nunca mais voltou.

Então a pobre loira foi empallidecendo a pouco e pouco, cada vez mais, até que morreu...

Morreul!

Em breve os estudantes hão de vir profanar, com a ponta dos bistouris, o seu corpinho de sylphide, e, quem sabe? hão-de arrancar-nos do seu pescoço.

Sim, hão-de arrancar-nos do seu collo de neve!

E é por isso que nós estamos tristes e lacrymosas como as aguas de Ceylão, essas aguas onde as areias são mais doiradas, onde os coraes são mais verme'hos...

## II

### O RADJAH

O Radjah tinha uma amante.

Voluptuoso e ardente como as pantheras do seu paiz, o Radjah passava as noites e os dias pensando, constantemente, n'essa cujas tranças auroraes faziam lembrar a cabelleira desgrenhada do çantal tinta pelo oiro liquido dos poentes.

O Radjah scismava...

N'isto apparece um dos seus espiões.

O Radjah teve uma suspeita terrivel. E, cheio de raiva e desespero, soube então que era atraído pela sua amante.

Logo que o espião acabou de lhe dar essa nova esmagadora, o Radjah levantou-se, impetuosamente, e, brandindo o kanjiar cravejado de rubis, partiu, hallucinado e perdido, com a tunica em desalinho.

No outro dia a Kadina quando despertou, viu que estava juncto do seu leito um objecto qualquer, coberto com um pedaço de setim.

Abaixou-se para ver o que seria.

E, cheia de magua e de susto, levantando o panno adamacado, encontrou a cabeça decepada de Alam-Guir, manchando de sangue uma formosissima espatula de oiro.

EUGENIO DE CASTRO

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica